



ESTE ANO NÃO VAMOS BRINCAR DE ÍNDIO

Ronilda Rodrigues da Silva Oliveira¹

Começo este texto reconhecendo e afirmando que a importância da história do índio no Brasil é indiscutível.

Todos os anos, como num catálogo, vemos a utilização desenfreada por milhões de professores, que atuam na Educação Infantil, da pintura de rosto, de penas, cocares, canudos para fazerem colares etc., e vestir as crianças de índio. Mas este ano não, nós não vamos brincar de índio. Assim como também não brincamos de circo, coelhinho da Páscoa, caça tesouros e quiçá iremos pular como saci.

Esse ano, em todo o mundo, com as escolas fechadas, a educação está passando por um momento diferente e para as crianças da primeira infância esse “novo normal” tem um gosto ainda mais amargo. Não sou a favor da “Pedagogia das datas comemorativas”, pelo contrário, venho já há alguns anos lutando para que essa prática seja repensada, dando lugar a um trabalho pautado na realidade das crianças, promovendo as interações e brincadeiras, ações propostas pelos documentos legais.

No entanto, a pandemia da covid-19 trouxe para nós uma realidade que jamais poderíamos imaginar. Rasgou nosso orgulho deixando exposta a nossa fragilidade diante do invisível e quase que inevitável. Hoje estamos mostrando quem realmente somos em todos os aspectos das nossas vidas. Estamos a cada dia procurando nos reinventar para conseguir êxitos diários. É difícil pensarmos no futuro agora.

¹ Profa. Msc. Coordenadora do Núcleo Pedagógico da Secretaria de Educação de Vitória da Conquista - BA. E-mail: ronilda_oliveira@hotmail.com.



Nossas práticas nas salas de aula jamais serão as mesmas e nossas crianças também não, porque todos fomos afetados de alguma forma. O palhaço, o coelhinho da Páscoa, o índio, o saci, dentre tantos outros personagens agora (como se não tivéssemos tentado outras vezes) precisam dar lugar a uma reflexão mais profunda daquilo que realmente precisamos ensinar para as crianças.

Não significa dizer que esses assuntos sejam proibidos na Educação Infantil, mas não precisamos colocá-los como centrais em nossas atividades diárias, uma vez que segundo nosso calendário anual, todos os dias são dias de se comemorar alguma coisa.

Observo que o que não conseguimos nas aulas dos cursos de Licenciatura em Pedagogia, cursos de capacitações, formações, palestras, oficinas etc. em relação à necessidade de revermos essa prática contraditória, a crise está conseguindo da maneira mais cruel possível, paralisando nossas ações, pois o que ouvimos nesse momento é apenas o silêncio. Nenhuma criança passou na minha porta vestida de índio, imitando a dança da chuva. Assim, sem pintura facial, sem cocar, sem colar, as crianças sobrevivem, isto é importante.

Sei que eu poderia ter falado neste texto da minha preocupação com as várias consequências que esta crise traz e sobre tantas outras que virão para o desenvolvimento das crianças nesta faixa etária, com o fechamento, vale dizer necessário, das instituições de Educação Infantil, mas escolhi começar por aqui, embora seja um momento difícil para os professores que há muito tempo vivenciam essa prática.

Portanto, acredito que este seja um momento de reflexão, desapego, renovação, quebra de paradigmas e inevitavelmente de transformação para todos nós, porque neste ano nós não vamos brincar de índio.